

*Sophia,
a Rainha do Povo*

*Sophia,
a Rainha do Povo*

1ª edição

Casa Editora O Clarim

Matão - SP
2012

1ª edição
10.000 exemplares

Abril/2012

Diagramação e capa: Rogério Mota
Coordenação editorial: Equipe “O Clarim”

Casa Editora O Clarim
(Propriedade do Centro Espírita O Clarim).
Fone: (16) 3382-1066 – Fax: (16) 3382-1647
C.G.C 52313780/0001-23 – Inscr. Est. 441002767116
Rua Rui Barbosa, 1070 – Cx. Postal 09
CEP 15990-903 – Matão, SP
<http://www.oclarim.com.br>
oclarim@oclarim.com.br

Sophia, a Rainha do Povo

Dados para catalogação na editora

133.91

Marques, Giseti

SOPHIA, A RAINHA DO POVO

1ª edição: abril/2012 – 10.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”

408 páginas – 14 x 21 cm

ISBN – 978-85-7357-110-3

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Índice

I. O encontro.....	11
II. A escolha.....	22
III. A descoberta.....	36
IV. O casamento.....	51
V. Agamenon.....	63
VI. A mãe de Sophia.....	73
VII. Mãe e filha.....	85
VIII. De volta para casa.....	97
IX. A decisão de Prúcio.....	109
X. As coisas começam a complicar.....	117
XI. O acordo.....	127
XII. A reconciliação.....	137
XIII. Prúcio e Agamenon.....	145
XIV. Sophia visita sua mãe.....	143
XV. Augusto e Anísia.....	163
XVI. Estranha visão.....	172
XVII. O retorno de Prúcio I.....	182
XVIII. Os inimigos não desistem.....	192
XIX. A visão de Sophia.....	202
XX. A verdade.....	210
XXI. Dois guerreiros.....	220
XXII. A trama aumenta.....	230
XXIII. Inocência.....	238
XXIV. Aliança feita, plano orquestrado.....	246
XXV. Inocência e Sophia.....	254
XXVI. A volta de Acarina.....	264

XXVII.	Natália e Acarina.....	272
XXVIII.	A grande descoberta.....	280
XXIX.	Nos bastidores de um funeral	290
XXX.	Josué.....	298
XXXI.	A semente plantada	306
XXXII.	O mal festeja a vitória.....	316
XXXIII.	O destino de Sophia	325
XXXIV.	O encontro com o Mestre.....	333
XXXV.	O combate.....	342
XXXVI.	O coração de um Rei	350
XXXVII.	O Sol sempre nasce.....	360
XXXVIII.	Sophia, a rainha do povo	370
XXXIX.	O desafio	378
XL.	O resgate.....	387



O encontro

UM HOMEM MAGRO, baixo, pele morena de sol, andava apressado pelos corredores luxuosos do imenso castelo, erguido majestosamente no alto de uma colina. Falava baixinho como se estivesse resmungando ou apreensivo. Ele parou em frente a uma porta com contornos dourados, bateu e aguardou. Ele fora chamado pelo grande Imperador Prúcio II.

A porta foi aberta e ele tratou de entrar rapidamente. Dirigiu-se a um homem com ar imponente, fez uma reverência e perguntou nervoso:

— Meu senhor, mandou me chamar?

O homem olhou-o com superioridade e com um tom enérgico perguntou:

— Você foi a última pessoa que viu a Rainha com vida?

— Sim, meu senhor — respondeu o homem de cabeça baixa, com submissão.

— O que ela relatou para você?

Visivelmente nervoso, o homem esfregou as mãos e respondeu gaguejando:

— Ela disse que estava sentindo uma tontura, e algum tempo depois começou a sentir dores no estômago. Ela gemia de dor. Passado mais um tempo, começou a sair da boca da Rainha uma baba esverdeada que logo se tornou

preta. Tentamos dar-lhe água, mas não conseguia engolir nada. Ficamos desesperados. O curandeiro foi chamado e ficamos aguardando. Então, ela rolou da cama e caiu, debatendo-se no chão por minutos, até morrer.

O homem olhou para o seu senhor e desesperado tentou se desculpar:

— Não pudemos fazer nada, meu senhor!

— Foi você quem trouxe a comida? — perguntou o rei novamente, contraindo o maxilar, visivelmente irritado.

— Sim, meu rei, mas... — tentou justificar sem-êxito.

— Cale-se! Eu já terminei com você!

Olhou para dois soldados que acompanhavam a tudo e ordenou rispidamente:

— Leve-o e enforque-o!

O homem desesperou-se, atirou-se no chão de joelhos e gritando pediu:

— Por favor, meu rei, não tenho nada a ver com isso! Eu nunca iria matar a Rainha! Tenho família!

O Rei virou-se e andou em direção oposta, indiferente ao desespero daquele homem. Os guardas o seguraram pelos braços e saíram arrastando-o em meio aos gritos e ao choro compulsivo do pobre infeliz que falava coisas desconexas.

O Rei andou até uma grande janela e, olhando as terras em volta do castelo, pensou: “Aquela comida era para mim. Eu tenho de pensar rápido, caso contrário, vão me usurpar o trono”. Olhou para um homem grande e forte parado em frente à porta e ordenou:

— Traga Inocência aqui, imediatamente.

— Sim, meu senhor.

O homem saiu rapidamente, pois conhecia muito bem o seu senhor, a ponto de entender que, quando contrariado, era capaz de matar até a própria mãe.

Prúcio II herdou a coroa logo depois que seu pai morrera em combate. Com seus 35 anos era um homem justo, mas impiedoso quando suas ordens não eram obedecidas. Sua mãe falecera quando tinha apenas 7 anos, vitimada pela *doença maldita*, atualmente conhecida como hanseníase. Dono de um porte invejável, era um grande guerreiro desde pequeno. Filho único, seu pai preparou-o logo cedo e levava-o consigo para onde quer que fosse. A morte trágica do pai abalou-o profundamente. Recebera a coroa prometendo honrá-la até o último dia de sua vida. E, 12 anos depois, enfrentava o maior problema do seu reinado. Sabia que estavam conspirando contra ele.

— Tenho que defender meu reinado — falou em voz alta consigo mesmo. — Mas o que fazer? — perguntou-se preocupado.

A Rainha estava morta e seu funeral durou cinco dias, conforme a tradição local, fato esse que não fez muita diferença para ele, pois, não sentia qualquer afeição pela esposa. Casou-se apenas para atender a interesses territoriais impostos pelo seu pai antes de morrer. Estava casado há 15 anos e não tinha filhos. Tinha pouco contato com a esposa. Encontravam-se no palácio apenas nas festas e evitava qualquer encontro mais íntimo com ela. Passava a maior parte do tempo em batalhas e tinha pelo menos umas 10 jovens como concubinas.

A porta abriu-se, tirando-o do seu devaneio, e logo anunciaram a entrada do comandante da guarda:

— Meu Rei, o seu comandante!

Entrou no salão um homem alto, forte, barbado, com cabelos longos, trajando o uniforme da guarda real. Curvou-se em menção ao Rei e falou em seguida:

— Algum problema, meu senhor? — perguntou o comandante da guarda preocupado.

— Sim, Inocência, eu tenho um grande problema.

Sacudiu a capa verde e dourada que usava, caminhou até bem perto dele e falou em voz baixa:

— Tenho certeza de que há uma conspiração contra mim, se eu não agir rapidamente, vão me apunhalar pelas costas.

Virou-se e começou a andar seguido pelo comandante que escutava atento. Parou em frente à janela e continuou a falar:

— Aquele veneno não era para a Rainha. Você entende o que quero dizer?

O comandante pensou um pouco e respondeu cauteloso:

— Se estão conspirando contra o meu senhor, acredito que a intenção era mesmo matar a Rainha. Pense um pouco, meu senhor: a intenção é deixar o reino sem um representante. O senhor deixará o castelo em apenas três luas, portanto, o interessado usará a ausência do meu senhor para usurpar seu trono.

Ele olhou pensativo para o comandante e percebeu a lógica no que acabara de ouvir.

— Você pode ter razão — concordou, olhando para o verde das terras em torno do castelo.

Pensou um pouco e falou decidido:

— Prepare um bom cavalo para mim, mas ninguém pode saber que sou eu; quero sair sem ser notado. Vou pensar longe dessas paredes. Parece que aqui sempre estou sendo vigiado.

— Meu senhor, não acha perigoso ir sozinho? Eu posso acompanhá-lo de longe?

O Rei retirou a capa, encarou o homem e respondeu-lhe:

— Não. Você fica. Logo todos iriam perceber a sua saída e poderiam desconfiar. Quero ficar sozinho. Sairei pela passagem secreta.

O comandante não disse mais nada, fez uma reverência e saiu em seguida. Em pouco tempo o Rei cavalgava pela floresta sentindo o vento entrar por entre a capa que encobria seu rosto, pois teve o cuidado de trocar-se para parecer um aldeão comum. Aos poucos foi sentindo-se melhor. Andou por mais algum tempo até chegar perto de um riacho. Parou, prendeu o cavalo e saiu andando, desviando-se das árvores que praticamente fechavam a passagem. Parou subitamente, havia escutado algo. Abaixou-se e olhou em todas as direções, sem ainda visualizar nada. Buscou refúgio atrás de um tronco de árvore que se erguia imponente. Ficou parado tentando encontrar algo e para o seu espanto o barulho aumentava vindo em sua direção. Passados alguns minutos, viu uma linda jovem empunhando uma espada, dando golpes no ar. Ela estava treinando. Ele ficou perplexo, pois nunca havia visto uma mulher treinando com uma espada, ainda mais demonstrando uma técnica fantástica.

Indiferente ao olhar real, Sophia treinava os golpes que o seu mestre havia ensinado. Era uma excelente lutadora e possuía uma enorme facilidade em manusear a espada. Tinha apenas 18 anos, olhos verde jade, pele branca, cabelos castanhos claros, cacheados e longos, que estavam presos em um coque, realçando ainda mais o seu belo rosto. Era filha única de um artesão da vila. Parou de repente, segurou a espada em punho, ficando assim alguns instantes. Apontando para alguém imaginário, perguntou girando em círculo:

— Quem está aí?

O Rei que estava como que hipnotizado, admirando-a, sobressaltou-se. Pensou um pouco e resolveu aparecer, pois sabia que aquela bela jovem não representava ameaça alguma. Com as mãos para o alto, pediu irônico:

— Por favor, senhorita, não precisa me matar!

— Quem é você e o que faz aqui? — indagou a moça ríspida, sem dar atenção ao seu tom irônico.

Ele baixou as mãos e respondeu calmo.

— Sou apenas um andarilho. Estava vindo ao riacho quando a vi e fiquei admirando a sua presteza com a espada. Desculpe-me se estou importunando-a — desculpou-se educadamente, fazendo uma reverência.

Ela não respondeu, olhou-o desconfiada. Virou-se e começou a caminhar em direção oposta, retirando-se do local.

— Será que a senhorita poderia me ajudar? — perguntou, pois estranhamente queria conversar mais com a desconhecida.

Ela parou, pensou e sem virar-se para ele perguntou-lhe:

— Que tipo de ajuda está precisando?

Surpreso com a atitude dela, respondeu-lhe tentando pensar rápido, evitando assim que ela se fosse.

— Um conselho.

Sophia virou-se e perguntou desconfiada:

— Como pode pedir um conselho a quem nem conhece?

Sorriu da sinceridade da jovem e naquele momento sentiu-se sem-saída. Pensou rápido e explicou, tentando ser convincente:

— É por isso mesmo que talvez a senhorita possa me ajudar — disse ele, percebendo que ela estava cada vez mais confusa.

Tentou esclarecer de uma maneira simples:

— Preciso de alguém que não conheça a pessoa que preciso auxiliar.

Ela franziu a testa, se aproximou mais um pouco e disse:

— Primeiro, tire esse capuz para que eu possa vê-lo, e levante suas vestes para que eu possa saber se está armado — ordenou ela em tom firme, mais gentil.

Ele relutou um pouco com receio de que ela talvez o reconhecesse, todavia, resolveu atender ao seu pedido.

Sophia sentiu seu coração acelerar, quando olhou para o rosto daquele desconhecido. Ele era alto, tinha pele morena clara, olhos cor de mel, cabelos castanhos escuros, rosto com traços firmes e bem-definidos. Sentiu as pernas tremerem. “Não pode ser”, pensou ela, tentando ao máximo não demonstrar o que estava sentindo. Havia aprendido a esconder muito bem suas emoções, com a técnica da luta.

— Será que agora a senhorita poderia me ajudar? — perguntou ele quebrando o silêncio, percebendo que ela não o havia reconhecido.

Ela anuiu com cabeça e falou gentilmente, tentando voltar ao seu normal:

— Claro, por favor.

Ele olhou-a e sem saber dizer o porquê sentiu que podia confiar nela. Sentou-se e convidou-a, também, a ficar ao seu lado. Ela percebeu que ele não estava armado. Sentaram-se e encostaram-se em uma árvore.

O Rei sentiu um grande bem-estar naquele local. Por alguns instantes, até esquecera de sua posição. Após minutos em silêncio começou a falar com muito cuidado:

— Tenho que ajudar ao Rei daqui. Você o conhece? — perguntou tentando confirmar se ela não o havia reconhecido.

— Só ouço falar muito dele, mas nunca o vi — respondeu calmamente.

O homem respirou aliviado, fez uma pausa e continuou:

— A Rainha morreu e o mesmo desconfia que estão conspirando contra ele. O comandante da guarda acredita que após a morte da Rainha, sabendo que o Rei viajaria, e consequentemente deixaria o castelo sem um representante,

os conspiradores se aproveitariam para usurparem o trono — parou de falar, enquanto esperava alguma palavra dela.

— Isso faz sentido — concordou a moça.

Encarando o desconhecido, ela questionou desconfiada:

— Qual o seu papel nisso tudo? — perguntou demonstrando que estava interessada no assunto.

O homem pensou rápido e respondeu:

— Tenho que levar uma resposta para o Rei ainda hoje, caso contrário...

Ele não completou, pois ela o interrompeu:

— E se a fama dele for verdadeira, você corre grande perigo.

Ele olhou-a, pensou e depois perguntou curioso:

— Qual é a fama dele?

— De que é um homem de coração duro e muito violento. Ele não é amado, pelo contrário, é muito temido.

Sophia sorriu e disse ironicamente:

— Embora, agora, quem corre perigo é o seu Rei.

— Nosso Rei — corrigiu ele irritado.

Sem importar-se com a mudança brusca de humor daquele homem, Sophia parou, sentiu o vento soprar em seu rosto, fechou os olhos e depois de alguns minutos olhou-o dizendo segura:

— Diga para o Rei que se case novamente, o mais rápido possível. Surpreenda a todos; isso deixará essas pessoas apreensivas, pois é como se ele tivesse desvendado essa conspiração e estivesse respondendo sem nenhum medo.

Ele sorriu admirado. “Como eu não havia pensado nisso?”, refletiu. Mas seu sorriso morreu rapidamente nos lábios imaginando quem seria e a maratona que teria de enfrentar até encontrar uma esposa.

— Ele tem que viajar daqui a três luas, e encontrar uma rainha não é fácil — comentou ele pensativo.

Olhando para o vazio, alheia ao seu comentário, falou:

— Ele deve estar muito triste com a morte da Rainha, eu sei como é perder alguém que se ama.

Sentindo um pouco de tristeza nas palavras dela, curioso perguntou-lhe:

— Quem você perdeu?

— Meu irmão e minha mãe — respondeu a moça olhando para o vazio. — Eles eram as pessoas que eu mais amava nesta vida, mas infelizmente a doença foi mais forte.

— Não parece tão triste assim quando fala deles. Por quê? — perguntou o Rei interessado.

Ela sorriu e respondeu:

— Acredito que eles estão vivos e apenas os seus corpos deixaram de viver. Meu Deus é muito bom. Meu mestre, quem me ensinou tudo que sei, inclusive a lutar, acredita que temos muitas existências e que pagamos pelos erros que cometemos em outras vidas. Então, meu irmão e minha mãe devem ter pagado algum dos seus erros e eu creio nisso tanto quanto o ar que preciso para respirar.

Ele escutou a tudo perplexo; olhou-a, mas não conseguia questionar o que ela disse, sentindo convicção no que ela falava e preferiu não comentar nada. Apenas perguntou:

— Então, você também acredita em um Deus que controla tudo isso?

— Não só acredito como o sinto dentro de mim. Até mesmo você, se não acreditar, também recebe os cuidados dele — respondeu ela sorrindo. — Ele está em mim, assim como está em você.

Mais uma vez ele não teve como contestar. Sentia uma verdade tão grande no que ela falava que, novamente,

preferiu calar-se. E resolveu desabafar um pouco com aquela ilustre desconhecida:

— Diferentemente do que todos pensam, o Rei não amava a Rainha, e para ele a morte dela foi até um alívio. O casamento foi um acordo, eles mal se encontravam.

Ele fez uma longa pausa e depois continuou:

— Ele não suportava a presença dela.

— Você deve ser muito amigo do Rei — comentou a moça intrigada.

Ele sorriu sem-jeito, tentando disfarçar, e confirmou:

— Sou mesmo. Ele confia muito em mim e eu não posso decepcioná-lo. É por isso que estou muito preocupado.

Assustada, ela levantou-se e despediu-se rapidamente:

— Senhor, perdoa-me, mas não posso mais ficar. Meu pai me aguarda.

Ele levantou-se também, estendeu a mão pedindo a dela e beijou-a suavemente:

— Faz muito tempo que não me sentia tão bem, senhora. Minha vida é muito confusa. Quero agradecer-lhe a atenção e o conselho. Como posso recompensá-la?

— Espero que eu tenha ajudado verdadeiramente, essa é a minha recompensa. — Respondeu ela com simplicidade.

— Perdoe-me, mas como se chama e aonde mora? — indagou o Rei interessado.

— Sophia, senhor. E moro com o meu pai na parte baixa da vila. Ele é artesão, por sinal, um ótimo artesão. Minha casa fica perto do poço, e se precisar de alguma coisa, terei enorme prazer em ajudá-lo.

— Não me esquecerei disso, Sophia — afirmou o homem, admirando a sua beleza.

— Que Deus abençoe os seus caminhos — falou a moça, enquanto sorria e saía apressada por dentro da floresta.

O Rei ficou parado, olhando-a até desaparecer por entre as árvores. Apesar de ser uma simples camponesa, tinha uma atitude altiva e nobre. Sentiu vontade de conhecer esse mestre dela e mais sobre a sua vida, pois a mesma falava como alguém culta e inteligente. Isso era realmente incrível, principalmente por ela ser uma mulher e jovem. Sorriu, andou até o riacho, ficou olhando tudo e se deu conta de que em toda sua vida, nunca tinha tido um momento como aquele. Apesar do belo e inesquecível momento, sabia que tinha que voltar, caso contrário, poderiam desconfiar. Andou até seu cavalo, montou-o e teve de súbito uma ideia. Sorriu feliz e saiu em disparada de volta ao castelo.